



EXISTÊNCIA E SINGULARIDADE EM KIERKEGAARD

Elias GOMES¹

RESUMO

Este artigo apresenta de maneira breve os principais desdobramentos que norteiam a noção de existência e singularidade no pensamento filosófico de Søren Kierkegaard. Primeiro analisaremos existência humana como categoria, especialmente procurando apontar a centralidade e as implicações do respectivo termo no desenvolvimento posterior do corpus kierkegaardiano. Depois de feita análise da existência enquanto categoria, correlacionamos a mesma ao conceito de singularidade, sobretudo procurando apontar para a maneira como o autor associa a mesma, as noções de existenciais de possibilidade, angústia e desespero. Veremos que para o filósofo dinamarquês, a existência não é um discurso meramente abstrato e cognitivo, pois existir sempre será um risco, ou seja, sempre será estar diante do paradoxo, e da incompreensibilidade latente do viver humano. Dito de outra forma, a pesquisa teve como objetivo principal apontar a maneira como Kierkegaard entende os processos existenciais que determinam o viver humano, a partir de princípios filosóficos que preferencialmente procuram inviabilizar o nascedouro e permanência de existências alienantes.

Palavras-chave: Existência. Singularidade. Angústia. Desespero.

1 INTRODUÇÃO

A questão da existência é sem dúvida um dos pontos cardeais no pensamento de Søren Kierkegaard. A priori, debruçar-se no objetivo de procurar saber qual seria o seu legado mais expressivo para filosofia contemporânea, é ver,

¹ Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Professor de Filosofia pela Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (SEE/SP). E-mail: <filosofia.elias@hotmail.com>.

desde logo, estampado – no bojo de seu pensamento, a importância da *categoria existência*. Pois para Kierkegaard, a principal tarefa do homem é o Existir. Dentro dessa perspectiva, não podemos nos esquecer, que pensar a questão da existência na filosofia de Kierkegaard, sobretudo enquanto princípio que possibilitou o desencadeamento de um ambiente adequado para uma proposta de suposto “existencialismo”, é de fato um “acidente”. Isto é, Kierkegaard não pretendia fundar ou estabelecer uma nova corrente filosófica.

Subentende-se então, que o seu principal objetivo, era, na verdade, o de repensar a noção do que seria o **tornar-se cristão**, ou, para ser mais exato – o *existir-como-cristão*. O grande problema é que no percurso desse propósito Kierkegaard acabou se deparando com uma sociedade que sofria de uma espécie de “analfabetismo” existencial, preferencialmente caracterizado por dois problemas contínuos, que são: (1) Não saberem, ou terem “desaprendido”, o que é existir-como-Cristão; (2) Não saberem, ou terem “desaprendido”, o que é existir-como-Pessoa.²

No primeiro momento, predomina-se um problema de ordem *religiosa*, pois aos olhos de Kierkegaard os dinamarqueses achavam que ser cristão seria simplesmente o mesmo que ser cidadão dinamarquês, o que para ele seria uma grande blasfêmia. Dito de outo forma, a questão principal da existência seria como existir, como tornar-se um verdadeiro cristão em uma época em que o Cristianismo havia sofrido todo tipo de descaracterização e vulgarização. Para ele, num mundo em que todos já nascem cristãos, a pergunta pelo verdadeiro Cristianismo deve ser recolocada com a máxima urgência e seriedade. “[...] a resposta à questão do tornar-se-cristão deveria ser encontrada na própria tentativa de viver o Cristianismo” (SECCO, 2004, p. 933).

Em segundo lugar, aparece o problema de ordem *existencial*. Ao tentar redefinir o que seria realmente **existir-como-Cristão**, Kierkegaard descobre que a sociedade de seu tempo também não sabia o que é **existir-como-Pessoa**. Ele diz: “[...] se os homens se esqueceram do que significa existir religiosamente, também se

² O indivíduo kierkegaardiano se constitui a partir do processo de individualização. Ele não nasce pronto, entrementes, no transcorrer da existência, “torna-se o que é” (DE PAULA, 2009, p. 104), não por influência alheia, mas por decisão própria. O indivíduo passa pelo processo do tornar-se o que se é. Para isso é preciso decisão, escolha; é necessário se assumir. Em Kierkegaard “o existir como indivíduo e a consciência desse existir chegaram a ser pois essa é única a condição absoluta da filosofia a sua única razão de ser (DE PAULA, 2009, p. 104-105).

esqueceram, sem dúvida, do que significa existir como seres humanos; isso precisa ser dito”. (KIERKEGAARD, 1986, p. 43). Ora, é justamente esse empreendimento teórico, ou seja, de tentar buscar uma redefinição da existência como pessoa, que Kierkegaard acabou deixando um legado expressivo para posteridade filosófica, que lhe rendeu supostamente, o título de “pai ou precursor do Existencialismo moderno”. Diante disso, podemos perfeitamente perceber que embora o autor se autoafirme como um pensador religioso, o primeiro grande tema que aparece em sua filosofia, não é aparentemente de ordem religiosa. Trata-se da questão da existência. Somente na medida em que a sociedade redescobrir o que é essa categoria da existência, ela será capaz de novamente compreender o que é existir-como-cristão.

Entretanto, **o que é existência? O que entendemos por existente?** Ora, todas essas perguntas podem ser respondidas, porém nunca explicitadas. Não é fácil compreender o pensamento de Kierkegaard principalmente por duas razões: Primeiro, por ele nunca os expôs de forma sistemática; ao contrário, sempre zombou do sistema como tentativa de enclausurar a verdade em uma exposição objetiva (ROVIGHI, 1999, p. 104-105). Outra dificuldade para se expor Kierkegaard é seu uso da comunicação indireta. A maior parte de sua filosofia foi tecida através de seus pseudônimos tais como: Victor Eremita, Johannes o sedutor, o Assessor Guilherme ou Ético, Johannes de Silentio, Johannes Climacus, Virgilius Haufniensis, Hilarius Bogbinder, Constantino Constantius, Frater Taciturnus e Anti-Climacus.

Proporcionalmente, diante dessas preliminares podemos dizer que na filosofia de Kierkegaard aparecem diversos desdobramentos que tendem a orbitar em torno da questão da existência, a saber: (1) a relação entre o conceito de existência e a noção de singularidade; (2) o reconhecimento da possibilidade como combustível de uma efetivação de nossa existencialidade; (3) a presença marcante da angústia como vertigem dessa mesma possibilidade e o desespero como prêmio de uma vida que não se propõem a viver sobre o lema do paradoxo da fé.

2 A EXISTÊNCIA COMO SINGULARIDADE

A primeira grande associação que podemos fazer em relação à palavra existência na filosofia de Kierkegaard é com a singularidade. É pela paixão pelo singular que o autor passou a investir contra toda forma de sistema, cujo maior

representante é Hegel. Ou seja, se a proposta de Hegel era a de abarcar toda a realidade pela consistência de um único sistema de caráter universal o desejo de Kierkegaard é ver as expressões da singularidade sobrepondo as categorizações universais. No sistema Hegeliano o universal passa a determinar o singular e, dessa forma esse deixa de existir, passando-se apenas a enxergar a categoria a qual uma determinada pessoa pertence. Para Kierkegaard, o ato de relacionar-se com o indivíduo enquanto categorização universal implica no abandono do homem enquanto ser existente.

Mas existência como singularidade é apenas a existência humana. No mundo animal é mais importante a espécie do que o indivíduo; no mundo humano o indivíduo não poderia ser sacrificado em detrimento à espécie. Nesse sentido, é correto afirmar que a questão da singularidade em Kierkegaard só pode ser aplicada em relação ao homem. A existência como singularidade torna-a o modo de ser fundamentalmente do homem. Esse modo, ser fundamentalmente do homem, foi analisado por Kierkegaard no seu tríplice aspecto a saber: o relacionar-se com o mundo, consigo mesmo e com absoluto, sendo esse absoluto o próprio Deus. Mas esses três aspectos nada têm de sistêmico, visto que na existência o homem sempre estará em volta ao que é instável e precário.

Assim, aquilo que é sistêmico não pode dar conta da realidade, sobretudo da realidade humana. O sistema é universal, a realidade humana é singular. O sistema é abstrato a realidade humana é concreta. O sistema é objetividade, a realidade humana é subjetividade. O sistema é conceitual e a realidade humana é existencial. O sistema proporciona segurança epistemológica a realidade humana é um risco.

Em Kierkegaard sempre haverá essa dicotomia e sobretudo latente entre o singular e o universal. Entre o que é sistematicamente posto, e o que é existencialmente vivido. Subintende-se que o ponto de partida é a análise existencial de Kierkegaard como existente. Não existe, propriamente, senão o singular. O universal que interessa a Kierkegaard é o singular-humano. Somente o homem é verdadeiramente singular. Somente ele vale mais do que a espécie, ao contrário do que acontece entre os animais. Só ele tem consciência de sua singularidade. (FERRO, 1999 p. 152). A precariedade de um sistema filosófico, não só faz com que homem perca a real noção do que significa existir como pessoa, visto que o mesmo só é medido pelas abstrações das categorias universais, como também sua real

noção do que seja existir como autêntico cristão. Nas palavras de Kierkegaard temos:

Estranha contradição de nossa época. [...] Só no diz respeito ao cristianismo é que a gente se exime de fazer experiências. Pretende-se julgá-lo sem ousar relacionar-se com ele, sem se arriscar ao ponto de penetrar nessas decisões vitais, de onde surgem as situações cristãs. Por isso não se encontra ninguém que se converta em cristão. Assim como noutros tempos se dizia que a guerra havia caído em desuso e que fora substituída pelas conversações diplomáticas e pelos tratados escritos, assim também em vez da anormalidade do risco pela ação, emprega-se o peso das razões pró e contra (KIERKEGAARD, 1971, p. 35).

Ou seja, o grande erro de sua era, explica Kierkegaard é que os teólogos da Igreja abraçaram com as duas mãos todo o sistema hegeliano com o objetivo de validar ou invalidar a própria fé. Esquecendo-se que a verdadeira fé só pode ser validada ou invalidada dentro dos meandros de sua praticidade e nunca através de conceitos sistêmicos. Nada é mais danoso para o próprio cristianismo, do que tentar empregar a Razão pró ou contra ele, pois para Kierkegaard a vida cristã é e sempre será um risco, e ser um risco significa que temos que vivencia-la na instrumentalidade da fé e não através da artificialidade da razão.³

3 A SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA COMO POSSIBILIDADE

Pensar a existência como possibilidade é pensá-la no âmbito da liberdade, trata-se do fator decisivo no processo de individuação, e que implica que a existência humana é individual, mortal e histórica. Diferentemente do animal, somente o homem tem consciência de sua liberdade. Como já observamos acima, a singularidade da existência, só devem ser aplicadas, quando relacionada ao homem. Isto é, no animal as matrizes ontológicas se encontram na espécie, no caso do homem, o singular sempre deve ser superior ao gênero. Dentro dessas características, o que devemos levar em consideração é que para Kierkegaard, o ato do animal possuir sua cognoscibilidade junto ao gênero, faz com que o mesmo se desenvolva a partir de uma essência prévia. A essência é o reino das necessidades.

³ Ao se levantar contra os teólogos, Kierkegaard tem em mente a tradicional Escola de Tübingen, que aplicava o método histórico - crítico ao estudo do cristianismo primitivo, primeiramente do Novo Testamento em articular e a história da Igreja em geral. David Strauss (1808-1874) deduzia daí uma consequência radical. Abordava os Evangelhos como uma coletânea de mitos. In. FARAGO, 2005 p.157 39 In. FEUERBACH, F. A Essência do cristianismo, Papyrus, Campinas, 1999. 40 In. PAULA, M.G. Kierkegaard e Filosofia da Religião pós-hegeliana.

Ora, desenvolver-se a partir de uma essência prévia é simplesmente tentar estabelecer seu o devir sobre a tutela da necessidade, o que não ocorre no homem, visto que no homem a existência precede a essência: eu sou, de certo modo, o artífice da minha própria essência e existo na medida em que completo essa essência.

Isto resulta na ideia de que a singularidade da existência é liberdade, é o de poder ser, isto é, a possibilidade. É poder escolher e não escolher. E, mesmo não escolhendo saber que já escolheu. É poder traçar horizontes na certeza de que os mesmos não somos frutos de ficção, de um sistema abstrato. Vivenciar a singularidade da existência com liberdade e possibilidade, é encontrar-se, portanto, em uma dimensão em que os extremos opostos se apresentam sempre de forma simultânea. Existir na dimensão da liberdade é aprender a conviver com a expectativa.

Em seus diários para tentar definir essa dimensão de liberdade inerentemente humana, o dinamarquês escolhe palavra à possibilidade. Sua expressividade é inconfundível. Em Kierkegaard, a possibilidade é a mais importante de todas as categorias “[...] na possibilidade tudo é igualmente possível, e quem realmente foi educado mediante a possibilidade, compreendeu tanto o lado terrível quanto agradável”. (KIERKEGAARD, 2008, p. 233).

Todavia, podemos perceber que para Kierkegaard, o ato de estarmos diante de uma dimensão de liberdade e possibilidade, não transforma em hipótese alguma, nosso existir um processo sem dor. Existir sempre será um risco. Para Kierkegaard a possibilidade deve ser encarada como a categoria mais importante e também a mais terrível.

Por um outro lado, é justamente por esse motivo, por tentarem amenizar o lado terrível da existência como possibilidade, que os teólogos e pregadores dinamarqueses foram veementemente criticados por Kierkegaard. Para ele a existência humana só poderia ser autêntica se fosse vivenciada de maneira natural, ou seja, na tensão e no risco.

Frequentemente se ouve dizer na verdade o contrário, que a possibilidade é tão leve e a realidade ao contrário, tão pesada. Mas de quem ouvimos tais discursos? De alguns homens miseráveis, que jamais souberam o que seja a possibilidade. Em geral a possibilidade da qual se diz que é tão leve compreende-se como possibilidade de felicidade, de fortuna etc. Mas esta não é, de fato, a possibilidade; esta é uma invenção falaz que os homens e

sua corrupção embelezam para ter ao menos um pretexto para lamentar da vida e da providencia, e para ter uma ocasião de se tornarem importante aos seus próprios olhos (KIERKEGAARD, 2008, p.233).

O fato de a possibilidade possuir um lado agradável e outro terrível pode causar espanto em alguns, fazendo com que à maioria se transformasse numa espécie de terceira pessoa genérica. Isto é, temendo escolher, não são mais eles que pensam e agem, mas um outro indefinido e impessoal. Kierkegaard nos convida à conquista da singularidade, à coragem de ousarmos ser nós próprios, ousarmos ser um indivíduo. Tornar-se um indivíduo é ter a coragem de ser ou não ele próprio. Isto, porém, não será conseguido sem luta e sofrimento. Ninguém é ele mesmo sem querer sê-lo em liberdade. O pensador subjetivo tem como missão compreender a si mesmo na existência, e compreender a si mesmo na existência é compreender-se na liberdade.

Diante disso, fica bem mais fácil compreender as críticas de Kierkegaard tanto a filosofia de Hegel, como também a teologia sistemática, proposta pela Igreja Estatal. Pois para Kierkegaard, tanto a primeira como a segunda tentam privar o homem ao direito inalienável de poder escolher. Afinal onde estaria o direito de poder escolher; dentro de um sistema filosófico que tudo abarca e tudo determina, sendo o homem singular simples acidente? Onde estaria o direito de poder escolher a fé, em um país em que todos já nascem com sua cidadania-religiosa definida? Ora, os dogmas do cristianismo não são verdades para serem medidas pela razão. Tratam-se de princípios misteriosos da singularidade da nossa experiência subjetiva; só podemos explorá-los vivendo de forma encarnada.

4 A SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA E A ANGÚSTIA

Kierkegaard é bem enfático ao afirmar que ninguém é ele mesmo, sem querer sê-lo em liberdade. Mas a liberdade não está isenta de angústia. A angústia é a vertigem da liberdade. Ou seja, como efeito é realmente uma vertigem que se apodera do homem quando o mesmo se encontra diante de uma imensidão de possibilidades. Essa vertigem é a angústia. Sobre a questão do que vem ser a angústia, Kierkegaard vai direto ao essencial afirmando que se refere a uma espécie

de existência trágica, fruto do resultado responsivo da incomoda “possibilidade de poder” (KIERKEGAARD, 1986, p.13).

Com isso, nosso autor quer deixar claro que a angústia só pode se apoderar de alguém, quando esse se responsabiliza por sua existência; nesse caso dá-se conta de que tudo é possibilidade, isto é, nada é efetivamente ainda. A angústia aparece quando o indivíduo está prestes a mergulhar-se no abismo das possibilidades, mais curiosamente, como receio de cair, passando a se agarrar à finitude.

Se quisermos considerar as determinações dialéticas da angústia, mostrar-se-á que está justamente possui a ambiguidade psicológica. [...] Tudo gira em torno da entrada da angústia em cena. O homem é uma síntese do psíquico e do corpóreo; mas uma síntese inconcebível se os termos não se unirem a um terceiro; terceiro que é espírito. [...] É preciso distinguir bem a angústia do medo e de outros estados análogos; estes se referem sempre a algo determinado, enquanto a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade anterior à possibilidade. Não se encontra nenhuma angústia no animal, porque este, em sua naturalidade, não está determinado como espírito (KIERKEGAARD, 2010, p. 45-46).

Observemos o entorno o processo ocorre quando o homem passa a desenvolver o direito de poder escolher. O indivíduo é livre. Ser livre deve significar poder contribuir para a própria realização. Todavia, contribuir para sua própria realização é profundamente angustiante. Principalmente quando percebemos que o exercício da existência deve ocorrer sobre o ângulo da possibilidade, e o que é a possibilidade se não o estar diante do nada? Assim, se perguntar pelo fundamento da angústia humana, obteremos a seguinte resposta: O seu fundamento é o nada (GILES, 2008 p.19).

Graça à sua ligação com o Nada, escreve Thomas Giles, o fenômeno da angústia em Kierkegaard nos permite compreender a possibilidade da passagem do possível para a realidade, e nela explica a liberdade e o determinismo que se encontra no próprio homem. Nesses termos é perfeitamente compreensível dizer que a angústia e o nada se correspondem. A angústia é condição indispensável para que a existência humana se realize (GILES, 2008, p.19). O sentido da existência na angústia cede lugar a uma dúvida descomunal.

Entretanto, para Kierkegaard, diferentemente do que se possa pensar, é somente através dessa mesma angústia que o homem poderá elevar-se à sua existência autêntica. Ou seja, a angústia é capaz de aniquilar nele todas as suas

antigas seguranças, sejam as oriundas de um sistema filosóficas ou estabelecidas pelo conforto de uma religião institucionalizada. É na angustia e pela angústia, que o existente se vê intercalar-se entre ele e o mundo, uma espécie de 'vácuo' que o faz simplesmente perder todo o sentimento de segurança. Nesse estado sente-se arrebatado, entregue exclusivamente a si mesmo, sem destino fixo.

Como se vê, a angústia é para Kierkegaard a categoria fundamental para o desenvolvimento da singularidade da existência. De um modo geral podemos dizer que a mesma constitui o poder inerente da liberdade, ou antes, a possibilidade de efetivá-la. Aqui torna-se patente a grande diferença entre um existente e um não-existente. O primeiro se apropria da angústia, tirando dela o seu sustento, ao passo que o segundo, toma distância e dela foge.

5 A SINGULARIDADE DA EXISTÊNCIA E O DESESPERO

A questão do desespero começa a aparecer na obra de Kierkegaard, sobretudo a partir de seu *Doença para Morte* de 1849. Para que o leitor possa se familiarizar e compreender o conceito de desespero, é preciso voltar a ele a influência que Kierkegaard recebeu do chamado romantismo alemão. No final de 1841, logo após o rompimento do noivado de Regina Olsen, Kierkegaard parte para Berlim, para participar de estudos ministrados Friedrich Wilhelm Schelling (1775-1854), o maior expoente, a época do romantismo.

A filosofia dos românticos está indiscutivelmente associada em torno da questão do Eu. Os românticos não aceitavam a herança Kantiana, que embora reconhecessem a potencialidade cognitiva do Eu, limitavam-na ao mundo fenomênico. Para Kant a razão é capaz de transformar o mundo, todavia limitada pela inacessibilidade da coisa-em-si. Na filosofia Kantiana, temos uma dicotomia entre a causa, e aquilo que sustenta a causa. E também um raio de cognoscibilidade restrito, entre aquilo que ocorre no mundo fenomênico, e aquilo que este contém no mundo da coisa-em-si, do qual o Eu não pode ter acesso. Ou seja, em Kant o Eu é limitado ao fenômeno

Diferentemente da proposta de Kant, surge a filosofia dos românticos. Esses por sua vez levantam-se contra essa limitação do Eu kantiano. No romantismo Alemão o Eu é ilimitado. O resultado de esse agir sem limite é o nascimento do Eu

absoluto. Uma autoconsciência ilimitada cujo produto final é o mundo. O Eu dos românticos não é dicotômico, pelo contrário, ele reside na unidade de consciência, por este motivo é estável e encontra em si mesmo sua própria causa.

Todavia, é justamente contra essa suposta unidade do Eu como a natureza que Kierkegaard vai se pronunciar. Pela aguçada instrumentalidade de seu escudeiro, o pseudônimo Anti-Climacus, Kierkegaard tenta substituir a unidade do Eu proposta pelos românticos, propondo o conceito de Eu como relação.

O homem é espírito. Mas o que é espírito? É o eu. E, o eu? É uma relação, que não se estabelece como nada alheio de si, mas consigo próprio. Mas é melhor do que a relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para própria interioridade. O Eu não é uma relação em si, mas sim um voltar-se sobre si próprio, o conhecimento que ele tem de si próprio, depois de estabelecido (KIERKEGAARD, 2010, p. 25).

Ao pensar o Eu como uma relação Kierkegaard tem em mente denunciar que a Existência humana é algo profundamente frágil, instável e inseguro. Ou seja, desenvolver uma visão antagônica à proposta dos românticos. O Eu dos românticos é estável e seguro, encontrando repouso em si mesmo. Diferente de Kierkegaard que via no sujeito a angústia e o desespero.

Todavia, qual a diferença entre a angústia e o desespero? A diferença é que a angústia exprime o sentimento que homem tem que diante da Relação com a multiplicidade de possibilidades que o mundo lhe oferece. É justamente por causa dessa necessidade inerente de ter que fazer escolhas que o homem se angustia. Já o desespero exprime o sentimento que o homem tem diante da relação do Eu com si próprio e com a possibilidade dessa relação. Ou seja, tanto a angústia como desespero, tratam-se de uma relação. Sendo que a angústia é a relação com o mundo externo, e o desespero a relação com mundo interno.

Ainda sobre o desespero, Kierkegaard afirma que diante dele, o Eu pode assumir dois tipos de relacionamento a saber: (1) o desespero de não querer ser si mesmo; (2) e o desespero de querer ser si mesmo (KIERKEGAARD, 2010, p. 33). Observemos:

No primeiro caso, **o desespero de não querer ser a si mesmo** configura-se como um estado ou sentimento, em que Eu anseia uma espécie de fuga de si mesmo. Ao tentar fugir de si mesmo, o Eu procura transfigurar-se em uma outra coisa, que não seja ele mesmo, impossibilitando a efetivação de sua própria

existência (KIERKEGAARD, 2010, p. 33-34). Já no segundo momento, ‘o desespero de querer ser a si mesmo’- É aquele estado ou sentimento, em que Eu possa ser considerado como soberano. Ou melhor no “dizer” de Anti-Climacus; **senhor de sua casa** (KIERKEGAARD, 2010, p. 38). Porém infelizmente ou felizmente, depois de um exame mais apurado, o mesmo se descobre como uma espécie de Rei sem reino, que se perde construindo castelos no ar, e bate-se sempre contra redemoinhos e ventos (KIERKEGAARD, 2010, p. 39).

Diante dos fatos acima mencionados, podemos dizer que Kierkegaard chega à conclusão que o Eu está enfermo, e esta enfermidade é uma Doença para Morte. Por que o Eu não tem saúde? (KIERKEGARRD, 2010, p. 31) Porém, diferentemente de Hegel, Kierkegaard nunca filosofou com objetivos pura e simplesmente especulativos e abstratos, mas sempre busca uma palavra de Edificação doença para morte do Eu (desespero) não é fim, mais sim uma rota-de-acesso para a vida.

Serve assim, como sinônimo de uma doença pela qual se morre. Neste sentido, o desespero não pode ser chamado de doença mortal. Mas, compreendida de uma maneira cristã, a morte mesmo é uma passagem para vida. [...] O desespero é a desesperança de não poder mesmo morrer. No desespero, a morte transforma-se continuamente em vida (KIERKEGAARD, 1971, p. 280).

O Jogo com as palavras, alegorias e as figuras de linguagem, utilizados pelo autor tem como princípio a tentativa de elucidar que, para se ver livre do desespero o homem precisa se lançar-se a Deus. Kierkegaard é categórico: Por que o Eu não tem saúde e não está livre de desespero, se não quando, tendo desesperado, projeta-se até Deus. (KIERKEGAARD, 2010, p. 31). A singularidade da existência deve convergir em um paradoxo, que não pode ser resolvido pela razão, daí a necessidade da fé. A fusão de angústia e desespero conseqüentemente desencadeia em um estandarte de aporias e paradoxalidade que em Kierkegaard só poderiam ser sanados pelo lampejo da fé.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de feita esta análise e ao final desse itinerário percorrido, podemos notar que o pensamento de Kierkegaard é profundamente relevante. Nele apreendemos que qualquer filosofia que não leve em consideração as próprias

tensões da vida, não será capaz de constituir fundamento adequado para vida efetiva. Pois em Kierkegaard a existência sempre deve ser entendida como derivada de uma profunda relação entre o finito e o infinito. Ou seja, sempre na presença um do outro. Por esse motivo a filosofia deve ser imanente à vida. A especulação conceitual totalmente desgarrada da realidade concreta não orientará a ação, porque as decisões humanas não se ordenam por conceitos, mas por alternativas e saltos.

Por tudo o que a existência envolve de afirmação, ela não pode ser elucidada pelo simples conceito. Sobretudo, por que este jamais daria conta das tensões e contradições que marcam a vida individual. Existir é sempre um risco, ou seja, é estar diante do paradoxo, e a incompreensibilidade do paradoxo da existência, faz com que a consciência vacile como diante de um abismo. Portanto, não se pode apreender racionalmente a complexidade da existência.

Por um outro lado, não podemos nos esquecer que para o autor a subjetividade não significa a fuga da generalidade objetiva: ao contrário, somente aprofundando a subjetividade é que nos aproximaremos da compreensão original de nossa natureza. Apreendendo a existir como pessoa simplesmente nos lembramos a que seja o existir como cristão. A subjetividade de Kierkegaard não é tributária apenas da atmosfera romântica que envolvia sua época. Seu profundo significado a-histórico tem a ver, mais do que com essa característica, a saber o existir diante de Deus. Ou seja, existir autenticamente como pessoa viabilizaria a oportunidade de estabelecer, via própria existência, noções básicas para que possamos reaprender o que seja o existir como cristão.

EXISTENCE AND UNIQUENESS IN KIERKEGAARD

ABSTRACT

This article briefly presents the main developments that guide the notion of existence and uniqueness in Søren Kierkegaard's philosophical thought. First, we will analyze human existence as a category, especially trying to point out the centrality and implications of the respective term in the later development of the Kierkegaardian corpus. After analyzing existence as a category, we correlated it to the concept of

singularity, above all trying to point to the way in which the author associates it, the existential notions of possibility, anguish and despair. We will see that for the Danish philosopher, existence is not a merely abstract and cognitive discourse, as existing will always be a risk, that is, it will always be facing the paradox, and the latent incomprehensibility of human living. In other words, the main objective of the research was to point out the way in which Kierkegaard understands the existential processes that determine human living, based on philosophical principles that preferentially seek to derail the birth and permanence of alienating existences.

Key-words: Existence. Singularity. Anguish. Despair.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, M. G. **Indivíduo e Comunidade na Filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.

FARAGO, F. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FERRO, M; TAVARES, M. **Conhecer os Filósofos de Kant a Comte**. Lisboa: Presença, 1999.

FEUERBACH, F. **A Essência do cristianismo**. Papyrus, Campinas, 1999.

GILES, T. R. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, S. **As Obras do Amor**. Petrópolis: Vozes, 2005.

KIERKEGAARD, S. **Conceito de Angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, S. **Desespero Humano**. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

KIERKEGAARD, S. **Ponto de vista explicativo da minha obra com escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.

KIERKEGAARD, S. **Temor e Tremor**. São Paulo: Hermus, 2008.

KIERKEGAARD, S. **Textos Selecionados**. Curitiba, JR, 1971.

ROVIGHI, S.V. **História da Filosofia Contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1999.

SECCO, F. O Conhecimento essencial segundo Kierkegaard. V,14 n.5 Goiânia: **Fragmentos de Cultura**. Maio, 2004.